

Sabores do texto: em busca do *tempo sensível*

Mariana Camilo de Oliveira

UFMG

Resumo: O emblemático episódio da madalena de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *locus* primordial da memória involuntária, consiste em uma cena de destaque no âmbito da teoria literária e avança para além da mesma. No presente artigo pretende-se, a partir do episódio em questão, percorrer elementos da leitura benjaminiana de Proust e os desdobramentos da noção de memória em Benjamin. Apresentar-se-á, ademais, um sucinto panorama da articulação entre a memória e os sentidos na teoria psicanalítica, enfatizando a relevância destes na constituição subjetiva, sobretudo nos moldes da metapsicologia freudiana.

Palavras-chave: Memória. Sentidos. Benjamin. Proust. Freud.

Introdução

A escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor – desta forma pode-se dar um saboroso início a uma reflexão sobre os sentidos. Assim Barthes dá continuidade a sua argumentação em torno de um paradigma para o estudo da Semiologia que não seguiria a partilha das funções de cientistas por um lado e escritores ou ensaístas por outro, em sua célebre aula inaugural. Tal ideia parece especialmente fecunda neste contexto, em que pretendemos abordar a temática dos sentidos em sua articulação com a literatura e, por que não, com outros saberes. Faz-se, portanto, oportuna a noção de sabores do texto. Prossegue Barthes: saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia. Curnonski dizia que, na culinária, é preciso que “as coisas tenham o gosto do que são.” Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário este ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras, segue, que faz o saber profundo, fecundo.¹

A partir do episódio da madalena de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, que revela, segundo Julia Kristeva, o sabor da experiência literária, pretende-se, no presente texto, percorrer brevemente alguns elementos da obra de Walter Benjamin, oportunos para essa reflexão, bem como contribuições da metapsicologia freudiana acerca da lembrança e do sensível.

1. Da xícara de chá

Em um debate acerca do tema dos sentidos, parece impossível não evocar a imagem supracitada, uma das mais conhecidas e belas da obra de Marcel Proust, “cena inaugural” da memória involuntária, na qual, ao embeber a madalena no chá, sucede uma experiência de grande felicidade, um choque sensorial. Nas palavras de Kristeva:

Saborosa, incestuosa, insípida, inapreensível, diluída em chá, mas síntese de todos os lugares de Combray, a “pequena madalena” deixa um gosto a Proust e inclusive naqueles que jamais o leram. (...) E se tentarmos recuperar seu gosto? O destas bocas, línguas, paladares sensíveis, sonhos e lembranças reiluminados? Ir em busca de todas estas páginas desdenhadas, esquecidas, nas que dormem seus equivalentes, seus duplos, seus ecos, suas metáforas que realçam ou diluem o misterioso sabor, mas que sempre o fazem viver, reviver, durar?²

O protagonista esforça-se no intuito de identificar as origens e natureza daquela experiência. Prova um segundo gole do chá, tentativa vã, com a qual percebe apenas uma perda da “virtude da bebida.” Até que, ao desistir, eclodem memórias de outros tempos, de sua infância.³ A cena é inicialmente precedida por reflexões sobre o adormecer, o dormir e o despertar, mas em especial pelo esforço infrutífero da memória voluntária da inteligência, pelo desamparo e pelo angustiante manejo da presença-ausência da mãe.

Esta é a cena inaugural da memória involuntária: desencravada da sensação pura do sabor e do aroma, reaparece toda uma lembrança de um outro tempo e de um outro lugar, que se supunha perdida ou inexistente (...), e não pelo gesto autônomo da vontade do herói, não por seu esforço, não por um movimento da sua inteligência, mas sim por um movimento autônomo da sensação, do acaso, da necessidade desta memória readquirir contornos próprios no presente.⁴

Sobre a mesma passagem, Walter Benjamin faz breve menção em seu texto *A imagem de Proust*, em referência a Max Unold:

Ele diz: imagine, caro leitor, ontem eu mergulhei um bolinho numa xícara de chá, e então me lembrei que tinha morado no campo, quando criança. Para dizer isso, Proust usa oitenta páginas, e o faz de modo tão fascinante que deixamos de ser ouvintes, e nos identificamos com o próprio narrador desse sonho acordado.⁵

A imagem nos remete aos sabores da nossa infância, que possuem certamente algo especial, contornos próprios.

2. Proust personagem de Benjamin

Benjamin dá início ao texto *A imagem de Proust* com a afirmação de que os treze volumes de *Em busca do tempo perdido* são o resultado de uma síntese impossível, na qual a absorção do místico, a arte do prosador, a verve do autor satírico, o saber do erudito e a concentração do monomaníaco se condensam numa obra autobiográfica.⁶ Menciona, em seguida, o caráter inclassificável da obra – a começar pela estrutura, que conjuga a poesia, a memorialística e o comentário, até a sintaxe, com suas frases torrenciais e, assim, Benjamin evoca uma imagem: um Nilo da linguagem, que transborda nas planícies da verdade, para fertilizá-las.⁷ Não nos sentimos autorizados a afirmar que se trata de um romance de memórias ou psicológico – tudo parece se passar no campo das incertezas. Benjamin afirma, em uma breve menção que se relaciona com o enigmático título de seu texto: “a imagem de Proust é a mais alta expressão fisionômica que a discrepância entre poesia e vida pode assumir.”⁸ Proust não descreveu, para Benjamin, a vida como ela de fato foi, mas uma vida lembrada por quem a viveu.

Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? A memória involuntária, de Proust, não está mais próxima do esquecimento que daquilo que em geral chamamos de reminiscência? Não seria este trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama e o esquecimento a urdidura, o oposto do trabalho de Penélope, mais que sua cópia? Pois aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Cada manhã, ao acordarmos em geral fracos e semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria de existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós.⁹

Esta saborosa passagem, com o habitual tom ensaístico de Benjamin e com modulações no entorno da recordação e do esquecimento, é aproximável à reflexão proposta em “O Narrador”, texto no qual também se discute a reminiscência como fundadora da cadeia da tradição que transmite os acontecimentos. Da reminiscência resultaria a *rememoração*, que seria uma espécie de memória perpetuada, e a *memória*, da narrativa – esta se relacionaria com o esquecimento. No artigo sobre Proust, Benjamin traz, de maneira clara, este interessante elemento de uma espécie de memória que se organiza através do esquecimento. Em ambos consta a ideia da aproximação entre texto e tecido, palavras de mesma raiz – pois “texto significava, para os romanos, aquilo que se tece.”¹⁰ Prossegue, dizendo que nenhum texto é mais tecido que o de Proust que, durante a revisão, enviava o texto aos

tipógrafos com as margens completamente escritas e sem as correções dos erros de imprensa; todo espaço disponível era preenchido com material novo. Assim, afirma Benjamin, a lei do esquecimento se exercia também no interior da obra. O acontecimento vivido seria finito; o lembrado, sem limites. A reminiscência prescreveria o modo de textura e a unidade do texto estaria apenas no *actus purus* da própria recordação.¹¹

3. Memórias benjaminianas

Após esse excuro em torno da memória, cabe, ainda, retomar outros aspectos ressaltados por Benjamin em seu texto. Em “A imagem de Proust”, o autor menciona:

As crianças conhecem um indício desse mundo, a meia, que tem a estrutura do mundo dos sonhos, quando está enrolada na gaveta de roupas, e é ao mesmo tempo “bolsa” e “conteúdo.” E, assim como as crianças não se cansam de transformar, com um só gesto, a bolsa e o que está dentro dela, uma terceira coisa – a meia –, assim também Proust não se cansava de esvaziar com um só gesto o manequim, o Eu, para evocar sempre de novo o terceiro elemento: a imagem, que saciava sua curiosidade, ou nostalgia.¹²

Esta produtiva ideia da meia, simultaneamente continente e conteúdo, interior e exterior, pode ser encontrada, de maneira detalhada, em *Rua de mão única*, especificamente na “Infância em Berlim”, “Armários”:

Era preciso abrir caminho até os cantos mais recônditos; então deparava as minhas meias que jaziam ali amontoadas, enroladas e dobradas na maneira tradicional, de sorte que cada par tinha o aspecto de uma bolsa. Nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior. (...) Era “tradição” enrolada naquele interior que eu sentia em minha mão (...). Quando encerrava no punho e confirmava, tanto quanto possível, a posse daquela massa suave e lanosa, começava então a segunda parte da brincadeira que trazia a empolgante revelação. Pois agora me punha a desembulhar a “tradição” de sua bolsa de lã. Eu a trazia cada vez mais próxima de mim até que se consumasse a consternação: ao ser totalmente extraída de sua bolsa, a “tradição” deixava de existir. Não me cansava de provar aquela verdade enigmática: que a forma e o conteúdo, que o invólucro e o interior, que a “tradição” e a bolsa, eram uma única coisa. Uma única coisa – e, sem dúvida, uma terceira: aquela meia em que ambos haviam se convertido.¹³

A dicotomia forma-conteúdo, criticada ao longo do século XX, desfaz-se delicadamente com a imagem da meia. O possível esvaziamento do Eu realizado por Proust nos mostra uma lógica de um mundo no qual o esforço voluntário da memória não favorece a experiência da lembrança. Ao desembulhar a bolsa, faço com que seu conteúdo deixe de

existir, invólucro e interior são uma única coisa, também na literatura e na psicanálise, ao pensarmos, exemplarmente, à maneira de Freud na *Interpretação dos sonhos*, de 1900. Benjamin afirma, curiosamente, em “A imagem de Proust”, que a meia embrulhada possui a mesma estrutura do mundo onírico, contribuindo para a aproximação aqui proposta entre Proust e a teoria psicanalítica.

Deve-se, também, fazer necessária remissão a uma referência direta de Benjamin a Freud, bem como uma associação entre Freud e Proust que tem como visada a questão da memória, presente em “Sobre alguns temas em Baudelaire.” Na parte II, Benjamin aproxima a memória pura bergsoniana à memória involuntária de Proust e percorre a temática atinente à relação entre memória e experiência, que supõe a conjunção de um passado individual e um coletivo.¹⁴ Na parte III, por sua vez, Benjamin evoca o ensaio freudiano de 1921 – *Além do princípio do prazer* – com o intuito de explicitar a conexão entre a memória e o consciente. Benjamin ressalta a suposição freudiana de que o consciente não registraria modificações duradouras, mas que surgiria no lugar de uma “impressão mnemônica”,¹⁵ questão sobre a qual nos debruçaremos a seguir. Destaca, ainda, a importante função do consciente de “proteção” contra os estímulos, que seria quase tão importante quanto a capacidade de recebê-los.¹⁶

4. A memória e o sensível em Freud

As ideias até então esboçadas encontram grande consonância com diversos aspectos da teoria psicanalítica, como afirmaria Freud, nascida juntamente com o século XX . A noção de inconsciente não é uma descoberta freudiana e ele mesmo o diz. No entanto, enfatiza de maneira radical a importância do conceito. O engano, a troca de palavras, bem como o sonho, revelam uma verdade que reside justamente no erro, premissa não facilmente admitida levando em consideração uma tradição que privilegiava a razão, a consciência, a verdade e a realidade factual.

A elaboração de um aparelho psíquico capaz de receber percepções e uma articulação com a memória já aparece nos primórdios das formulações de Freud, no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895.¹⁷ Sem a pretensão de discorrer sobre uma teoria freudiana da memória ou do sensível na constituição do sujeito, caberia talvez, situar

esta primeira concepção do aparelho dotado do sistema perceptual-consciente, o pré-consciente e o inconsciente, inscritos através de *traços mnêmicos* (*Erinnerungsspur*), que subsistiriam mas só seriam ativados quando investidos. Para que o rudimento de aparelho psíquico possa funcionar, é necessária uma *experiência efetiva de satisfação*, que seria um contato maciço com a realidade.

Aí encontramos um dos operadores mais complexos e ostensivamente referidos da teoria freudiana sobre o aparelho psíquico. Este se encontraria em uma espécie de estado germinal no qual tudo é indiferenciado e o ponto de partida seria uma experiência – possível herança do empirismo britânico. Uma urgência a ser aliviada pela via motora – nomeadamente uma *alteração interna* – quer seja através de gritos do bebê ou qualquer outra descarga, diz Freud, não seria capaz de proporcionar resultado alivante. Tal estímulo só poderia ser aliviado através de uma intervenção do mundo externo ou a conhecida *ação específica*, função lógica, classicamente referida pelo aleitamento proporcionado pela mãe. As experiências fundamentais seriam, portanto, a *dor* e a *satisfação*. A mãe interpreta o desamparo como uma espécie de experiência de dor e oferece o seio à criança (criança e mãe ou, em um modelo lógico, sujeito e objeto – este, no exemplo utilizado, o seio materno). A *experiência de satisfação* proporciona ao sujeito a possibilidade de desenvolvimento de importantes funções. Isso ocorre devido ao fato de que o trabalho da ação específica efetua uma descarga que elimina a urgência que causou desprazer e permite uma catexização do que corresponde à percepção do objeto.¹⁸

O estado de desamparo irá, contudo, retornar. Como se dá, assim, o início da formação do aparelho psíquico? A criança *alucina* o seio materno, ou seja, faz retornarem os traços do objeto. Na tentativa de restituir o objeto perdido, entre a primeira e a segunda experiência de satisfação, o aparelho psíquico tenta “corrigir” os traços, tarefa impossível. *Das Ding* é este complexo operador, um resto desta experiência, lacuna no aparelho que o permite progredir. A alucinação é o intento psíquico de reproduzir o objeto, tentativa que não resolve por completo o estado de desamparo. Mesmo sendo a alucinação o que há de mais rudimentar no aparelho, é ela que permite algo de grande refinamento no que se refere à abstração como o *pensamento*. Para que a criança deixe de alucinar e passe a pensar é preciso que falte um nada que Freud nomeia justamente de *Coisa*.

Para a constituição de um aparelho psíquico capaz de abstrair, pensar, apreender o mundo intelectualmente, supõe-se, portanto, uma experiência sensorial maciça. Seguindo tal princípio, no que tange ao tópico dos sentidos em psicanálise, pode-se considerar diferentes maneiras de abordagem da dimensão sensorial na constituição do Eu. Freud já supunha, como vimos, um momento anterior a tal constituição, à simbolização, que consistiria num emaranhado de sensações, momento anterior à organização da libido em um Eu, diferenciado dos objetos. Efetuando um salto deste momento das formulações teóricas de Freud para outro muito posterior, porém logicamente próximo, que acrescenta possibilidades de analogias, seria o conceito de Eu-pele. Didier Anzieu¹⁹ o propõe e, assim, possibilita pensar a pele como envoltório do corpo (tal como a ideia da consciência como envelope do aparelho) e, a partir daí, a noção de Eu-pele como um operador que permitiria analogias – o apoio do Eu sobre a pele, tornando homólogas as funções do Eu às do nosso envelope corporal, como limitar, conter e proteger. Tratar-se-ia desde um envelope tátil, bem como sonoro, gustativo, olfativo, muscular e térmico.

Não nos parece possível ou desejável finalizar esta digressão acerca de termos psicanalíticos com uma dimensão sensorial sem mencionar o conceito de pulsão (*Trieb*). Freud afirma em seu texto “Instinto e suas vicissitudes”, de 1915, que o conceito mencionado seria de espécie básica e convencional e sua definição, indispensável. É, porém, dotado de certa obscuridade. Isto ocorre, quiçá, devido à sua definição ambígua: conceito limítrofe entre o psíquico e o somático. Ainda, por situar-se nesta fronteira, seria uma espécie de exigência feita à mente para trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. Um conceito de tal natureza, a despeito de suas profundas revisões ao longo da teoria, situa o arcabouço psicanalítico em intensa consonância com uma dimensão sensível de interessante articulação com o que aqui nos propusemos.²⁰

Discussão

A empresa aqui proposta requereria, ainda que sob o risco de efetuar reducionismos, uma breve menção à tortuosa e tensa relação entre o sensível e o inteligível na tradição do pensamento ocidental; a saber, originalmente, pelas noções platônicas de “ser” e “aparecer”, sendo a segunda aproximável ao engano e à ilusão. Desse modo, na árdua

empreitada de tentar distinguir o verdadeiro do falso, na construção de um edifício moral, a arte parece não auxiliar, pois lida com o que não é, com o verossímil, o possível – o artista pode ocupar todos os lugares – e deve ser, assim, expulso da República. Nas *Meditações* cartesianas, por sua vez, os sentidos parecem também conduzir-nos ao engodo. Uma incursão no idealismo alemão possivelmente nos levaria à celebração da primazia da ideia sob a percepção. Por sua vez, a celebração do “pensamento afetado”, cheio de afeto, para usar uma expressão de Fernando Pessoa, só ocorreria entre os séculos XIX e XX. Poder-se-ia, assim, supor uma consonância entre os destinos do conceito moderno de literatura, a consolidação das ciências humanas e sociais como disciplinas acadêmicas, até mesmo de uma ciência da inconsciência e dos desejos, como a psicanálise, tudo parece em conformidade com o descentramento do Eu ocorrido no século XX. No entanto, pode-se questionar, seja em Proust, Benjamin ou na metapsicologia freudiana, o forjar de uma edificação para afirmar justamente a falência do Eu consciente. Proust, Benjamin e Freud são também habitantes da república platônica e não partem senão da linguagem para abordar o descentramento. Indagamo-nos acerca da validade de se afirmar a irracionalidade racionalmente. Um caminho possível para o impasse esboçado seria o fato de tais autores não almejarem um lugar exterior à linguagem e à racionalidade, mas por torná-las mais “porosas”, apontar seus furos, suas hiências. Parecem mostrar que aquilo que realmente querem observar (a partir da linguagem, pois ela é sem exterior) e que se trata daquilo que, de fato, faz as vezes num aparelho psíquico não é o que está em foco, mas o que está na periferia do olhar e que facilmente nos escapa.

Se a língua é fascista, como afirma Barthes,²¹ não por impedir, mas por obrigar a dizer, se no signo dorme o monstro do estereótipo e, assim, ao dizermos algo, servidão e poder se confundem, uma relação mais libertária com a linguagem seria através de uma trapaça salutar, esquiva ou logro, realizada, por exemplo, pela literatura. Talvez os autores aqui abordados não visem derrubar o edifício da linguagem, mas traspasar seus hiatos.

Finalmente, a imagem da madalena com chá, ora em destaque e ora na periferia de nosso olhar, o advento da memória involuntária proustiana, suscita reflexões diversas – sobre a reminiscência, a memória, o esquecimento, o passado e os sentidos. As maneiras de apreendê-los, nos buracos da linguagem e do edifício racional, ademais, apresenta-nos

também seus impasses. Lembramos repetidas vezes, porém, com Benjamin, que o importante para o autor que rememora não é o que ele viveu, mas o tecido de tal lembrança. Mais importante, ainda, quando o esquecimento é a urdidura desse tecido. Como finaliza Barthes seu ensaio: “vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos.”²² Podemos dizer que o passado, a memória e o esquecimento estão nas profundezas, mas especialmente na superfície, no ar, como na segunda tese em *Sobre o conceito da história*: “O passado traz consigo um índice misterioso (...). Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes?”²³ E basta o toque de aromas e sabores/saberes para o percebermos ali: “tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, da minha taça de chá.”²⁴

Resumen: El emblemático episodio de la magdalena en *En busca del tiempo perdido*, de Marcel Proust, locus primordial de la memoria involuntaria, representa una escena destacada en el ámbito de la teoría literaria y va más allá de ella. En el presente artículo se pretende, a partir del episodio en cuestión, recorrer algunos elementos de la lectura benjaminiana de Proust y algunos desarrollos de la noción de memoria en Benjamin. Se presentará, además, un panorama sucinto de la articulación entre la memoria y los sentidos en la teoría psicoanalítica, enfatizando su relevancia en la constitución subjetiva, principalmente dentro del marco de la metapsicología freudiana.

Palabras clave: Memoria. Sentidos. Benjamin. Proust. Freud.

Referências Bibliográficas:

ANZIEU, Didier. *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1978.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. – 1. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1989. – (Obras escolhidas; v. III)

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. – 7.ed – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. I)

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. – 7.ed – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. I)

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. – 7.ed – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. I)

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. *Rua de mão única*. – 5.ed – São Paulo: Brasiliense, 1995. – (Obras escolhidas; v. II)

FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Editado por Jeffrey Moussaieff Masson. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica [1895]. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 387-547. (Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. I).

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos [1900]. In: _____. *A interpretação dos sonhos (Parte I)*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV).

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes [1915]. In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-162 (Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).

FREUD, Sigmund. O Estranho [1919]. In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 273-314 (Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVII).

KRISTEVA, Julia. *El tiempo sensible: Proust y la experiencia literaria* – 1.ed. – Buenos Aires: Eudeba, 2005.

KON, Noemi. Proust e Freud: memória voluntária e o estranhamento familiar. [s.d.] Disponível em: <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/NoemiMoritzKon.htm>. Acesso em: 08 set. 2006.

PROUST, Marcel. No caminho de Swann (Du Côté de chez Swann [1913]). *Em busca do tempo perdido*. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1997. v.I.

Notas

¹ BARTHES. Aula, p. 21.

² KRISTEVA. *El tiempo sensible*, p. 11 (Tradução nossa).

³ “E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d’água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se colorem, se diferenciam, tornam-se flores, casa, personagens, consistentes e reconhecíveis, assim, agora todas as flores de nosso jardim (...) e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, da minha taça de chá.” (PROUST. *Em busca do tempo perdido*, p. 51).

⁴ KON. Proust e Freud: memória voluntária e o estranhamento familiar. [s.d.]

⁵ BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 39.

⁶ BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 36.

⁷ BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 36.

⁸ BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 36.

⁹ BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 37.

¹⁰ BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 37.

¹¹ BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 37.

¹² BENJAMIN. A imagem de Proust, p. 40-41.

¹³ BENJAMIN. Infância em Berlim, p. 122.

¹⁴ BENJAMIN. Sobre alguns temas em Baudelaire, p. 106-107.

¹⁵ BENJAMIN. Sobre alguns temas em Baudelaire, p. 108.

¹⁶ BENAJMIN. Sobre alguns temas em Baudelaire, p. 109.

¹⁷ Considerações acerca de tal tema, bem como das sensações, podem ser encontradas em apresentações diversas ao longo da obra de Freud como nas Cartas a Wilhelm Fliess, de 1887 a 1902, na pequena “Nota sobre o bloco mágico” de 1925 e, nos moldes no Projeto, no capítulo VII da Interpretação dos sonhos de 1900 e nas “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, de 1911.

¹⁸ FREUD. Projeto para uma psicologia científica, p. 431.

¹⁹ Anzieu publicou na Nouvelle Revue de Psychanalyse, em 1974, o artigo “Le Moi-peau.” Cf. ANZIEU. O Eu-pele. A resenha pode ser acessada em: http://www.bvs-psi.org.br/psilivros/us_resenha.asp?id_livro=1042.

²⁰ Para uma análise mais aprofundada sobre a questão da memória, articulada ou não com os sentidos, caminhos diversos seriam factíveis (sob o risco de perder-se), entre eles a mencionada Interpretação dos sonhos (1900), especialmente ao se tratar de um debate acerca da primeira parte da obra de Proust. Aspectos como os restos diurnos ou a interferência de estímulos sensoriais no conteúdo dos sonhos fornecem material fecundo para o debate. Deve-se fazer necessária referência à Carta 52, na qual ganha seus contornos a suposição de que o ordenamento dos traços mnêmicos responderia pela formação mesma do aparelho psíquico. No pequeno texto “Lembranças encobridoras”, de 1899, são lançadas algumas ideias acerca da lembrança de eventos da infância. E, finalmente, podemos considerar “O estranho” (“Das Unheimliche”), de 1919, como uma possibilidade de aproximação entre a experiência de estranhamento familiar e a memória involuntária poustiana a partir do evento da madalena. Digna de menção, para nossos objetivos, é a frase inicial do texto: “Só raramente um psicanalista se sente impelido a pesquisar o tema da estética, mesmo quando por estética se entende não simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir.” (FREUD. O estranho, p. 273)

²¹ BARTHES. Aula, p. 14-15.

²² BARTHES. Aula, p. 47.

²³ BENJAMIN. Sobre o conceito da história, p. 223.

²⁴ PROUST. Em busca do tempo perdido, p. 51.

Mariana Camilo de Oliveira possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008), atuando principalmente nas áreas de psicanálise e literatura.